

## **FACULDADE DE DIREITO DA PUC-CAMPINAS: 55 ANOS DE AMIZADES**

**Wilson LEVY<sup>1</sup>**

Com muito carinho recebi e aceitei o convite para contribuir com esta edição comemorativa da Revista Jurídica, em razão dos 55 anos da Faculdade de Direito da PUC-Campinas. Ter a oportunidade de escrever um pouco sobre os 55 anos, e toda a história por trás das paredes (e do pátio, e das salas de aula...) do prédio histórico e de seus intermináveis anexos interiores, com apenas quatro anos de casa, é certamente uma honra, da qual eu não declino, ainda que reconheça que será uma tarefa pretensiosa fazê-lo. Pois bem, como não me é natural negar desafios, vamos em frente.

Em primeiro lugar, um dado a ser considerado: aos 55 anos, a Faculdade de Direito da PUC-Campinas é mais velha (ou, para ser politicamente correto, “cronologicamente privilegiada”<sup>2</sup>) do que respeitáveis senhoras, como a União Européia, que em 2007 comemorou os 50 anos do Tratado de Roma, que celebrou sua criação, em meio a dilemas e um caminhar que o filósofo alemão Jürgen Habermas definiu como modelo de comboio, em que o mais lento determina a velocidade do conjunto<sup>3</sup>. Habermas continua em sua reflexão, insistindo no procedimento para a elaboração de uma Constituição Européia, cujo projeto entrou em crise com o rechaço da França há cerca de dois anos. Para o filósofo da Escola de Frankfurt, a Europa precisa se desvencilhar dos melindres de outrora, pois se trata de um flagrante contra-senso, aos 50 anos, insistir nos vícios do passado como presente, ou mesmo através do passado comprometer o futuro.

Porém esta é uma investigação que deixarei para outro trabalho. Não parece equivocada ou mesmo digna de discordância a idéia de que não se deve insistir nos erros

do passado. Habermas, autor que estudo há três anos, graças ao incentivo de docentes da Faculdade de Filosofia, e que é responsável por importante contribuição à Teoria do Direito, desenvolve outras reflexões importantes e dignas de destaque, sobretudo a ética do discurso, cujo fundamento reside simplesmente na sinceridade semelhante às relações intersubjetivas cotidianas (do mundo da vida... ah, se Habermas conhecesse melhor este lugar, o Brasil...), e a razão comunicativa, conceito trabalhado como forma de superação das vicissitudes da razão monológica e instrumental moderna, e que hoje está na base da educação dialógica, de matiz interdisciplinar e horizonte crítico, e que encontra eco no que há de mais moderno nesse sentido. Além disso, não nos deixa esquecer da importância da educação para a formação de uma esfera pública crítica, capaz de construir coletivamente a opinião pública e interagir de forma mais ativa com o Estado na definição dos rumos da sociedade.

Se a modernidade se confunde com modismo, e soa como influência longe de ser perene, podemos retornar a Aristóteles, e a um de seus textos principais: **Ética a Nicômaco**. Ao Estagirita, na descrição minuciosa das virtudes morais e intelectuais, e a discussão sobre o que é o “bem”, é quase certo o encontro com elementos que hoje caracterizam o pensamento habermasiano. Ao falar de Justiça, uma virtude moral, como ato voluntário que depende do outro e se dirige para o outro, do fazer o que é justo e desejar o justo, não se pode olvidar que o elemento sinceridade é um mister, assim como outros, que fazem desta virtude uma das mais importantes do pensamento de Aristóteles.

<sup>(1)</sup> Bacharelado em Direito pela PUC-Campinas. Bolsista de iniciação científica do CNPq, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Paulo Rouanet. Membro do grupo de pesquisa CNPq Ética e Justiça. Membro da Associação Brasileira de Ensino do Direito (ABEDi) e da Associação Nacional de Direitos Humanos – Pesquisa e Pós-Graduação (ANDHEP), vinculada ao Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV-USP).

<sup>(2)</sup> A lembrança da piada vem do ensaio **A Coruja e o Sambódromo**, publicado pela Cia. Das Letras como capítulo do livro *Mal-Estar na Modernidade*, do cientista político e diplomata Sérgio Paulo Rouanet.

<sup>(3)</sup> A referência a esta expressão pertence ao artigo **Terra Instável**, de Matthias Henig, do Caderno Mais! da Folha de S. Paulo, de 01 de abril de 2007.

Todos esses são, certamente, valores que não podemos esquecer de ensinar, de aprender e de praticar, não necessariamente nessa ordem. E que a experiência certamente solidifica, e que mira no futuro como destino.

Mas vamos deixar a reflexão filosófica para outro momento.

Voltando ao convite feito para um breve relato: quando falo no título em 55 anos de amizades, defendo a tese de que acima de categorias abstratas, como “instituição” ou “tradição”, estão as relações humanas que, reiteradas, se transformam na composição de pequenos fragmentos de memória, como fotografias de momentos pequenos e grandes, e que vão construindo essa tradição. Quero dizer aqui que instituições não são personificáveis, não são maiores que as pessoas, e que não é prudente confundir a trajetória de uma vida com a devoção a essa categoria. Ainda que marcado por ela, devemos lembrar que a vida segue seu rumo.

Comigo não seria diferente. Minha história na Faculdade de Direito da PUC-Campinas vem acompanhada desses pequenos fragmentos de memória, de insistentes fotografias de tradição, mas também, e principalmente, de pessoas. Falar em Associação Jornal O Leão, em Centro Acadêmico XVI de Abril, em sala de aula, em iniciação científica ou em monitoria, sem lembrá-los é produzir um exercício auto-biográfico, é o mesmo que contar essa história pela metade.

Assim, creio que usar este pequeno espaço para eternizar pessoas que foram, são e serão verdadeiros mitos na Faculdade de Direito da PUC-Campinas e, principalmente, pessoas que foram, são e serão referências em minhas peregrinações é devolver um pouco (afinal “tudo” exigiria o espaço de vários volumes de livros) daquilo que significam, na forma de uma humilde e sincera gratidão.

E se elas puderem, com o calor do vínculo ou com a lembrança de um momento, em pequenos fragmentos, me ajudar a contar essa história, acho que vou conseguir atingir o objetivo deste texto.

Tudo começou em 2004. Recém saído do colegial, ingressava na Faculdade de Direito da PUC-Campinas, deixando de fazer a segunda fase do vestibular para o curso de bacharelado e licenciatura em História na UNICAMP. Cabelo raspado, trote, veteranos e veteranas, a galera toda em clima de confraternização e alegria, com música, curtindo os cantos da faculdade, cerveja... a oportunidade de cursar Direito e mexer com leis, pessoas, juízes, promotores e, principalmente, de desenvolver o senso de justiça e a vontade de mudar as coisas ao meu redor.

Passada a euforia (se é que ela passa no primeiro ano), logo na primeira semana acontecia o primeiro desafio.

O pessoal do C.A. passava em sala e falava sobre a importância da representação de sala, destacando que deveríamos promover um debate e uma eleição para indicá-lo. Fiquei interessado, mas achei que era melhor esperar a volta deles, pois certamente teria colegas com o mesmo interesse. Surpresa: ninguém se interessou, e fui democraticamente imposto no cargo. Achei estranho o acanhamento dos colegas: alguns acharam o trabalho penoso demais, outros temiam envolver-se em discussões com os professores, o que poderia implicar numa suposta perseguição... Não me importei e fui em frente.

Ser representante é uma doação e um presente. É uma doação porque certamente envolve trabalho e conhecimento normativo e político do que é a Universidade, além de saber lidar com situações pessoais que aos olhos do grupo podem parecer pequenas, mas que envolvem questões de vida, dilemas, problemas emocionais, dificuldades financeiras. E não apenas lidar, mas também, em alguns momentos, fazer o papel de amigo tão em falta nos tempos individualistas em que vivemos. Mas é um presente pois permite um trânsito intenso na sala, e, nesse meio tempo, amizades surgem e vínculos se fortalecem.

Dessa experiência sei que posso lembrar para sempre dos meus parceiros de sala, todos, mas em especial os amigos Leonardo Andreotti, Raphael Bontempi, Lucas Tonon, Danilo Capuano, Vinícius Imbrunito, Gustavo Lucredi, Tiago Saura, Esther, Mariana Capovilla, Patrícia, Taísa, Ana Carolina... E aqueles que não estão mais em nossa sala, apesar de terem começado o curso conosco: João Junqueira, Renan Guidi, Gabriel Fávaro... E, certamente, nos bons docentes que tivemos, especialmente o Prof. Pedro Santucci, que nos acompanhou por 3 anos, e que ainda hoje é presente em nossa trajetória.

Em seguida veio o Centro Acadêmico XVI de Abril. Este sim parecia um desafio digno de medo. O grupo vinha de um movimento muito consistente pelo triunfo da ética na Faculdade de Direito, e começava um caminho de renovação de seus quadros embalado por uma enorme capacidade de mobilização e por uma crítica contundente das estruturas de poder da faculdade. Sentia que aquele era o meu lugar. E por um ano articulamos, compramos brigas, fomos a intermináveis reuniões do Conselho de Faculdade, mudamos muita coisa.

E incomodamos muito, quando decidimos que não concordávamos com o modelo de ensino jurídico predominante, sentimento que culminou com uma das melhores semanas jurídicas de todos os tempos, que reuniu, na mesma semana, pessoas como Luis Alberto Warat (e aqui não deixo de lembrar que todos nós temos dois períodos em nossas vidas: o a.W e o d.W – antes de Warat e depois de Warat), José Arbex Jr, o Des. Cláudio Baldino Maciel,

Maria Aparecida Aquino, Luiz Gonzaga Belluzzo e tantas outras figuras que nos levaram a conclusão de que podíamos sonhar sim. Sem esquecer, um pouco antes, da memorável palestra com o Senador Eduardo Suplicy, que emocionou a maioria dos quase 400 estudantes que se amontoaram no Auditório Nobrão para vê-lo palestrar, cantar e interpretar.

Não acho ser lícito pensar no Centro Acadêmico XVI de Abril, sem lembrar dos foucaultianos Rodrigo Freston (o Inglês) e a combativa Erica Serra (Eriquinha), ou então daquele que me ensinou que família a gente escolhe sim, e que se revelou um irmão que eu não tive, o Vitor Blotta (Vitão), hoje mestrando em Filosofia e Teoria Geral do Direito na USP, e que deu música e poesia às nossas reivindicações, com seu violão e sua sensibilidade, mas também com sua combatividade e militância. Ou na alegria de pessoas como a tesoureira da gestão, Ana Carolina (Carol) e suas amigas. E dos docentes que sempre nos apoiaram e estimularam nessa caminhada, em especial a Prof<sup>ª</sup> Angélica, na época recém-chegada à PUC-Campinas, o Prof. Luis Fernando Lobão, a Prof<sup>ª</sup> Maria Helena Campos de Carvalho e o Prof. Paulo Roberto de Sousa.

Meu ciclo no Centro Acadêmico XVI de Abril se encerrou no início de 2006. Como sempre me ensinou meu avô: “o melhor travesseiro é uma consciência tranquila”. E hoje eu posso dormir com a certeza de que, juntos, todos nós fizemos a diferença.

A próxima parada nessa viagem foi a iniciação científica, a pesquisa na graduação. Ela está bem próxima, pelo menos cronologicamente, da militância acadêmica, mas merece um capítulo a parte, pois para mim nasceu de um objetivo pessoal que se transformou em bandeira de gestão. Tínhamos uma série de dificuldades para pensá-la, de grupos de pesquisa desestruturados a professores sem titulação e produção, além de toda uma cultura auto-defensiva que parecia refratária a isso. Porém seguimos em frente, e de batalha em batalha, e ajudados principalmente pela acolhida de diversos docentes de fora da Faculdade de Direito que reconheceram em nós potenciais em pesquisa, ainda que contidos, chegamos a mais de 20 alunos pesquisando, contra 5 do ano anterior. Não posso terminar este parágrafo sem lembrá-los: Prof. Fernando Mattos, que desde o começo nos apoiou e incentivou, orientando o Vitor Blotta e a Stella Ganem em 2003, o Prof. Pe. José Trasferetti, Prof. Luiz Paulo Rouanet, Prof.

Não posso falar em iniciação científica sem lembrar do Prof. Samuel Mendonça, que deu asas a esse sonho e soube entender a importância de um momento histórico e começou, conosco, a *balançar o coreto*, e dos primeiros colegas, Pedro Peruzzo, Priscila Credidio e Karen Sayuri, que dividiram comigo as dificuldades decorrentes do longo

engatinhar da pesquisa em Direito na PUC-Campinas, junto com outros, como a grande amiga Naira Brasil, que provou a natureza interdisciplinar do Direito, que ninguém pode negar, ao pesquisar com o Pe. Trasferetti na Faculdade de Teologia.

E foi na pesquisa que conheci minha namorada, Jaqueline Santa Brígida Sena, meu melhor presente na PUC-Campinas, na época monitora de Introdução ao Estudo do Direito, e hoje mestranda em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP, e a querida amiga Elisa Pires da Cruz, a quem chamo carinhosamente de “anexo” que veio de brinde junto com a Jaque, e com as quais compartilhei a orientação do Prof. Luiz Paulo Rouanet, da Faculdade de Filosofia (a quem muito agradecemos também), além madrugadas de loucura acadêmica na véspera de congressos, quando praticamente não dormimos para terminarmos nossos trabalhos.

E nesses quatro anos eu também tive a oportunidade de desenvolver meu trabalho como monitor de Direito Penal, sob a supervisão do Prof. Pedro Santucci. É uma experiência recente, que se iniciou em 2006 com a turma do 1<sup>ª</sup> ano noturno, e que marcou profundamente minha vida acadêmica e deu a certeza que faltava para eu me interessar pela vida acadêmica.

Descobri na prática que não importa o ano: ainda que o conhecimento dogmático seja imprescindível, os alunos estão cansados do senso comum teórico dos juristas, que se entregou à ingrata e lusitana tarefa de buscar o sentido primeiro da norma e seu espírito, a vontade do legislador, na leitura em monocórdio da Lei, da doutrina e da jurisprudência.

Descobri também o prazer que é sair às 23h20 da Universidade depois de uma sessão de monitoria em que se discutiu o amor como fundamento hermenêutico de reconstrução da intersubjetividade, ou mesmo de como o Direito pode e deve ser encarado como uma linguagem que pode servir para justificar fins, inclusive valorar o elemento “patrimônio” mais do que se valora o elemento “vida”. E, principalmente, que os estudantes querem sim um horizonte mais crítico, mais amplo, mais reflexivo, interdisciplinar e plural de compreensão do Direito, que não se resume à análise gramatical do texto normativo, cuja consequência primeira só pode ser o *estado-da-arte* do advogado mais astuto. Terminamos o ano quase realizando um divã coletivo, tamanha foi a acolhida da turma com este jovem monitor, que se alegrou em descobrir que ainda temos muitos colegas movidos pelo senso de justiça.

Enfim, são apenas 4 anos. Porém tudo o que foi descrito aqui são conquistas que merecem ser comemoradas, ao menos por este estudante que um dia leu a Missão da Universidade e se identificou um pouco, num breve exercício hermenêutico, quase gramatical.

São conquistas muito maiores que uma instituição, mas que só através de uma se tornaram realidade. São amizades que ultrapassam a fronteira do mundo acadêmico, e que hoje posso dizer que são amizades de vida. São lições que bem ou mal definem opções de vida, visões de mundo, e que são responsáveis por aquilo que sou e por aquilo que quero ser.

Vamos comemorar.

Crescemos, independente da circunstância.

E se agora olho para trás e descubro que passei a maior parte do meu tempo no Pátio dos Leões, aquele mesmo pátio de tantas lutas e tantas pequenas fotografias de

relações que um dia foram presente, e que hoje compõem a memória coletiva daqueles que por lá passaram, posso dizer que esses quatro anos foram inesquecíveis. E que consigo imaginar que mesmo aquele que passou 55 anos por lá, e que não são poucos, compreendem o que eu falo. Tentei aqui dar voz a essas pequenas memórias coletivas. Se consegui, não sei. De todo modo, acredito que ter eternizado alguns personagens tão importantes para a PUC-Campinas, já tenha valido a pena.

Que as próximas turmas e os próximos 55 anos sejam de muita luta, mas também de muita amizade, pois ainda há muito que ser feito.